

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS SOCIAIS TECNOLÓGICAS E LETRAS
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA

PATRÍCIA DA SILVA ARAÚJO

**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA MARANHENSE PARA A FORMAÇÃO DO
CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO**

Açailândia

2022

PATRÍCIA DA SILVA ARAÚJO

**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA MARANHENSE PARA A FORMAÇÃO DO
CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO**

Monografia apresentada ao Curso de
Letras da Universidade Estadual da
Região Tocantina do Maranhão para o
grau de Licenciatura em Letras.

Orientador(a): Prof.^a Me. Susane Martins
Ribeiro Silva

Açailândia

2022

A663a

Araújo, Patrícia da Silva

A contribuição da literatura maranhense para a formação do cânone literário brasileiro / Patrícia da Silva Araújo – Açailândia: UEMASUL, 2022.

38 f.

Monografia (Curso de Licenciatura em Letras) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Açailândia, MA, 2022.

1. Literatura Maranhense. 2. Literatura Brasileira. 3. Cânone. I. Título.

CDU 821.134.3(812.1)

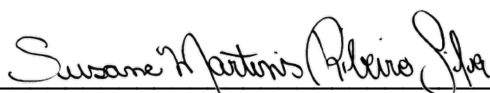
PATRÍCIA DA SILVA ARAÚJO

**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA MARANHENSE PARA A FORMAÇÃO DO
CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO**

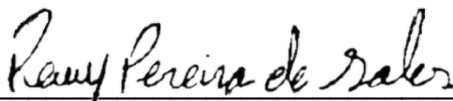
Monografia apresentada junto ao Curso de Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), para obtenção de grau de Licenciado(a) em Letras.

Aprovada em: 06 / 01 / 2023

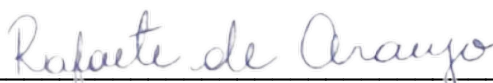
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Me. Susane Martins Ribeiro Silva (Orientadora)
Mestra em Letras
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão



Prof. Me. Remy Pereira de Sales
Mestre em Letras
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão



Prof. Esp. Rafaete de Araújo
Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Dedico este trabalho a todos os
maranhenses que buscam conhecer
profundamente a nossa cultura e
empenham-se em expandi-la para que
não perca a grandeza da literatura da
terra de Gonçalves Dias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço essencialmente a Deus, por ter me dado saúde e sabedoria para chegar até aqui, e à minha família pelo apoio e compreensão, especialmente minha mãe Itelvina, por sempre me incentivar a buscar além daquilo que posso.

À minha orientadora, Prof.^a Me. Susane Martins Ribeiro Silva, pelo apoio e dicas prestadas, por todo conteúdo em que me ajudou a produzir e pelos livros que me auxiliaram a construir o presente trabalho.

Ao meu esposo, Daniel Diniz, por todo incentivo e compreensão durante esses anos de faculdade, especificamente na produção do Trabalho de Conclusão de Curso, pela paciência que teve para comigo e por não me deixar desistir.

Aos meus sobrinhos, Alícia e José Benício, que são as alegrias mais genuínas que a vida me trouxe.

A todos os meus colegas da turma de Letras 2017.2 que fizeram parte dessa história da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, e aos professores que transmitiram seu conhecimento durante essa graduação para formar profissionais competentes e, acima de tudo, humanos.

*“Maranhão
Athenas Brasileira
Abraço hospitaleiro
Ó terra das palmeiras
Onde canta o sabiá*

*Maranhão
Do folclore bonito
Do Tambor de crioula,
Do meu São Benedito
Terra do Boi Bumbá
Meu Mará!”*

Dinacy Corrêa

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo mostrar a importância da literatura maranhense na formação da literatura brasileira, com foco em autores canonizados e aqueles que, de certa forma, contribuíram para esse fator histórico, porém ainda não conseguiram tal reconhecimento. Esta pesquisa visa dar ênfase na literatura produzida por estes autores, com fatores histórico e social que fizeram estes trazerem o mérito ao Maranhão e torná-lo conhecido atualmente como “berço de poetas”, fazendo um percurso histórico de toda a literatura brasileira e dos ciclos da literatura maranhense, de forma que a literatura regional trouxe grandes nomes para a literatura nacional, ressaltando também aqueles que inspiraram-se nas gerações passadas e fizeram título desde a literatura do século XX. É indispensável a importância de conhecê-los para entender como se originou nossa cultura, ressignificando outros gêneros da literatura que são verdadeiros tesouros para a história da literatura regional. Desta forma, torna-se necessário descrever um estudo a respeito da Literatura Maranhense, com solenidade nos autores enaltecidos pela literatura brasileira e aqueles que também necessitam de um título de honra pelas suas grandes colaborações nesse meio, resgatando a história cultural da nossa literatura. Para esse propósito, serão ressaltados autores específicos da literatura maranhense e os ciclos literários em que se sobressaíram. Esta pesquisa apresenta caráter exploratório, cujos procedimentos técnicos utilizados foram de pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, destacando os conceitos de literatura a partir da visão de Candido (1995) e Coutinho (1995), contando ainda com a referência de Reis (1992) e Corrêa (2016).

Palavras-chave: Literatura Maranhense. Literatura Brasileira. Cânone.

ABSTRACT

The present work aims to present the importance of Maranhão literature in the formation of Brazilian literature, focusing on canonized authors and those who, in a way, contributed to this historical factor, but have not yet achieved such recognition. This research aims to emphasize the literature produced by these authors, with historical and social factors that made them bring merit to Maranhão and make it known today as the “cradle of poets”, making a historical journey of all Brazilian literature and the cycles of Maranhão literature, so that regional literature brought great names to national literature, also highlighting those who were inspired by past generations and made titles from the literature of the twentieth century. It is indispensable the importance of knowing them to understand how our culture originated, re-signifying other genres of literature that are true treasures for the history of regional literature. In this way, it becomes necessary to describe a study about Maranhão literature, with solemnity in the authors praised by Brazilian literature and those who also need a title of honor for their great collaborations in this environment, rescuing the cultural history of our literature. For this purpose, specific authors of Maranhão literature and the literary cycles in which they excelled will be highlighted. This research has an exploratory character, whose technical procedures used were bibliographical research of a qualitative nature, highlighting the concepts of literature from the perspective of Candido (1995) and Coutinho (1968), also relying on the reference of Reis (1992) e Corrêa (2016).

Keywords: Maranhão Literature. Brazilian Literature. Canon.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	PANORAMA DA LITERATURA BRASILEIRA	13
2.1	A literatura e o cânone literário brasileiro	15
2.2	Percurso da Literatura Brasileira	17
3	A LITERATURA MARANHENSE EM DESTAQUE: CONSTRUÇÃO E HISTORIOGRAFIA	24
3.1	A Literatura do Maranhão para o Brasil	25
3.2	A Literatura Maranhense e suas talentosas gerações do séc. XX	32
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

É de conhecimento geral que, para abrangermos a literatura, é necessário estudar o fator histórico em que ela se encontra, pois o estudo histórico está diretamente ligado aos impactos sociais que colaboraram para o desenvolvimento de uma literatura. Para que o estudo da literatura brasileira seja possível, faz-se necessário investigar desde o surgimento, sua formação até a contemporaneidade.

Quando se fala na formação da literatura brasileira, é impossível não citar poetas canônicos, sendo o Maranhão berço de muitos desses escritores. Estudar a literatura é apreciar a história e cultura de um povo e estudar a literatura maranhense é conhecer as particularidades do povo que aqui reside, “para caminhar pelas veredas da própria literatura nacional” (Corrêa, 2016, p. 20).

Conhecer a literatura maranhense é apropriar-se de um patrimônio linguístico literário, cuja riqueza é um memorial da nossa cultura desde o descobrimento do Brasil até a contemporaneidade. A literatura nos faz mergulhar no pensamento, na imaginação e em outros universos descobrindo caminhos novos e o crescimento da nossa cultura no conhecimento de mundo.

Todo o Maranhão teve um representante na literatura nacional que também obtiveram destaque internacional, contribuindo para todo panorama da literatura brasileira, desde Gonçalves Dias e Odorico Mendes, até Josué Montello, os quais integraram a produção literária brasileira a fim de formar nosso cânone literário em que o Maranhão dispôs de grandes representantes das letras.

Visto isso, consideramos o objetivo desta pesquisa conhecer a literatura maranhense desde o seu nascimento, destacando a fase romântica brasileira, em que temos como representantes Aluísio de Azevedo, Maria Firmina dos Reis e alguns escritores que instituíram a literatura do século XX, como Bandeira Tribuzi e Josué Montello, e a forma como estes contribuíram para a formação da literatura nacional, cujos aspectos partes principalmente dos estudos de Candido (1995), Coutinho (1995) e Corrêa (2016).

Geralmente, o povo maranhense tem por conhecimento seus principais escritores, como Aluísio de Azevedo, Gonçalves Dias e Ferreira Gullar, sem ter um entendimento do pioneirismo e da rica produção literária que possui o nosso estado. Partindo desse pressuposto, resgatamos em nossa pesquisa alguns autores como Antônio Lobo, Coelho Neto, Graça Aranha, Viriato Correa, Bandeira Tribuzzi e Maria

Firmina dos Reis, que são classificados como romancistas maranhenses, cujas obras também foram destaque na formação da literatura brasileira.

Desta forma, objetiva-se também, através da exposição desta pesquisa, apresentar a literatura maranhense e seus representantes que ajudaram a construir a história e a literatura brasileira, também se fazendo necessário conhecer nossos outros representantes que ainda fizeram parte da intelectualidade literária e que são dignos de serem canonizados, reafirmando assim que o Maranhão é berço de grandes escritores.

2 PANORAMA DA LITERATURA BRASILEIRA

A rica literatura brasileira possui, aproximadamente, quinhentos anos de história. *A carta de Pero Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel*, a respeito do achamento do Brasil, foi consagrado o primeiro documento escrito no Brasil que também é considerado o principal texto sobre o Brasil, ainda que escrito por um escrivão português. A carta ganhou fama literária, pois Pero Vaz de Caminha descreveu os relatos da viagem com muita delicadeza nas palavras e fez uso de metáforas para descrever a terra então descoberta.

O cânone lusitano serviu para produção de textos literários e trouxe ecos dessa literatura para o Brasil. A mudança da literatura decorreu apenas em meados do século XVIII, com o início dos escritos de alguns autores brasileiros para o começo da formação de uma literatura originalmente brasileira.

Ainda que comparada à literatura europeia, a literatura brasileira é admirável e formosa, ajudando a compor a história do Brasil através das manifestações literárias em que descreviam a realidade brasileira, retratando e denunciando os problemas sociais da época. A literatura brasileira foi dividida em escolas literárias, na qual podemos citar o Quinhentismo (literatura sobre o Brasil) Barroco, Arcadismo, Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo, Pré-Modernismo, Modernismo e, atualmente, as Tendências Contemporâneas.

Os pioneiros da literatura brasileira foram Pe. José de Anchieta, Gregório de Matos e Pe. Antônio Vieira, entre tantos outros que conseqüente analisaremos e que marcaram a história brasileira, considerados nomes essenciais que fizeram o marco na formação dessa cultura literária.

A literatura brasileira foi dependente de Portugal durante muito tempo, desde o descobrimento e somente no século XIX iniciou-se uma literatura genuinamente brasileira, como Candido (1995) denominou como um sistema. A princípio, os primeiros escritores foram da fase do Quinhentismo, uma literatura sobre o Brasil fortemente influenciada e caracterizada pela literatura europeia, pois os escritores eram de nacionalidades diferentes e os textos voltados para crônicas de viajantes e escritos para catequizar os indígenas. CASTRO (1996, p. 58) descreve a respeito da carta de Caminha que os índios foram caracterizados como criaturas inocentes, que andavam nus, tinham os lábios furados e não tinham vergonha de andarem nus.

Percebemos que, ao descrever a caracterização física dos indígenas que ali habitavam, Caminha não a faz de maneira informal, mas traça aspectos a partir de uma construção linguística rica e dinâmica, proporcionando assim a qualidade estética literária existente no texto.

O período do Barroco adentrou no momento da formação colonial em que os autores dividiam suas produções para um público mais reduzido, pois eles viviam em constantes viagens entre Brasil e Portugal e os escritos eram voltados para a colônia e a metrópole. Chuva (2003) afirma que o Barroco canonizou a arte e a história brasileira:

[...] Dentre essas concepções, a questão do pertencimento à civilização ocidental foi talvez a mais significativa na configuração que tomou o processo de invenção de um “patrimônio nacional” no Brasil. Os cânones da arte brasileira e sua universalidade foram construídos de modo eficaz, com a consagração de uma associação inédita até então entre as formas e princípios renovadores do barroco e a produção arquitetônica moderna. Isso se deu, privilegiadamente, no âmbito da ação de proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. (CHUVA, 2003, p. 313)

O Arcadismo foi o momento em que os escritos literários nacionais começaram a ganhar forma em decorrência do momento político vivenciado na época, já que ainda havia grande influência portuguesa na nossa literatura. O grito de Independência do Brasil, dado em 1822, foi um marco para o povo, trazendo um novo momento para a história e para a cultura do país. Após esse momento, o povo brasileiro necessitava criar sua própria identidade cultural.

A partir dessa independência de Portugal, o Brasil necessitava produzir sua identidade literária. Segundo Alves (2011, p. 90), com a independência, “[...] os criadores passam a se reconhecer como artistas nacionais”. Partindo desse momento, surge o Romantismo com a difícil missão de preconizar os primeiros passos fora da predominância política portuguesa. Era indispensável criar referências tipicamente brasileiras, como geográficas, culturais e históricas, já que o país se reinventara nesse período.

Nesse contexto político e histórico, e o desígnio de constituir a nação, tornava-se necessário a formação de medidas para criar essa harmonia nacional: a formação de um cânone e um meio de propagá-lo. Assim surgem os primeiros sinais da literatura tipicamente brasileira com uma colocação social muito importante, pois ela manifesta o intuito político de formar um cânone que descreve a nação e seu modo de viver. Ricardo Reis afirma que no Romantismo surgiu o desejo de criar um cânone: “acredito que é durante o romantismo – movimento contemporâneo à independência

de Portugal – que se sedimenta o cânone literário, que dera seus primeiros passos com os árcades” (REIS, 1992, p. 73).

A procura por obras de autores desconhecidos antes desse momento era determinada e buscava-se por uma visão que ilustrava a característica exclusiva do cânone literário como questões étnicas, culturais, motivações sociais e não somente literárias. Ainda no século XIX, era indispensável na sociedade brasileira formar um espírito nacionalista vindo da arte e da literatura, com isso, o objetivo era criar textos com características nacionalistas para canonizá-los.

No Romantismo surgiram vários textos que obtiveram engajamento, onde José de Alencar conseguiu ser um dos pioneiros nesse cânone com o romance *O Guarani* (1857), que serviu de modelo para o panorama patriota que o cânone buscava.

2.1 A Literatura e o cânone literário brasileiro

A literatura colabora profundamente para o desenvolvimento integral de um indivíduo. Ela é indispensável na vida das pessoas de forma contínua, pois oferece uma sustentação cultural fundamental às pessoas para habituá-las de modo pleno na sua subjetividade integrada à sua vida. Antônio Candido (1995) faz uma abreviação das expressões que formam a literatura:

Ela é uma construção de objetos autônomos com estruturas e significados; ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; ela é uma forma de conhecimento dos grupos; ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (CANDIDO, 1995, p. 178-179)

A literatura e suas várias formas de expressões englobam um conjunto de sentimentos e expressões com valores artísticos e intelectuais, mostrando diversas visões de mundo de seus autores, expressando seja sentimentos, seja visão social de determinados lugares da época em que vivem ou viveram. José Veríssimo (1998, p. 12) define literatura como uma arte literária em que abrange o que discorre dentro de um país, desde a poesia, as políticas, jornais, romances, obras de diversos gêneros, tudo isso é considerado literatura para Veríssimo.

A literatura não é somente um misto de textos registrados no passado, não representa somente uma herança, mas ela proporciona um processo histórico contínuo de produção de novos escritos, um conjunto aberto de textos, na qual representam, ou seja, a literatura é uma veemência crítica de meditação a respeito da

história e trabalha com vários aspectos discursivos existentes na sociedade, reinventando de modo plausível a realidade, de tal forma que denuncia questões sociais existentes. Candido (1995, p. 68) também conceitua literatura como um sistema de obras, em que age sobre os leitores e diversos públicos, atuando na realidade do tempo.

Para compreender os fenômenos literários, é necessário analisar a história. A escolha de um cânone está unida a múltiplos empenhos relativos, por exemplo, a nacionalidades, etnias, grupos sociais etc. Aprofundar o cânone como um conjunto de obras escolhidas com base em critérios legitimamente estéticos parece ingênuo, sendo que a percepção da estética de uma obra é influenciada por vários fatores, como aqui mencionados.

O termo cânone decorre da palavra grega *kanon*, que criava uma espécie de vara com funções de instrumento de medida, todavia sua definição evoluiu, tornando a assinalar padrão ou modelo a aplicar como norma (HOUAISS, 2015).

Os textos canônicos que entraram para a literatura nacional incluem relevância enquanto monumento artístico e foram considerados documentos de valor históricos, e são, por conseguinte, um conjunto de textos consagrados, representativos e clássicos em que o leitor consegue identificar a nacionalidade contida nele. Leão (2011) assim o define:

O cânone, portanto, é uma lista de textos, autores e obras, coadjuvados por uma elaborada narrativa historiográfica que apesar de sua pretensão em ser verídica, como de resto o é toda historiografia, traz consigo motivações que, pelo fato de incluir excluindo, trai e solapa toda a sua pretensão histórica enquanto verdade absoluta, natural e indubitável. (LEÃO, 2011, p. 39)

O cânone literário é uma seleção de obras que atenderam os critérios e as seleções para representar historicamente a formação da literatura, trazendo uma relevância estética que caracteriza a nação. De outro modo, o cânone também pode ser considerado “uma medida, tendo origem religiosa para sacralização, e uma doutrinação que o [...] fez para escolhê-los” (LEÃO, 2011, p. 40). O cânone consagrou os autores de textos como referências da literatura, REIS (1992, p.80) relata que foi no período do Romantismo em que foi firmado o cânone literário brasileiro, considerando o indianismo e o sertanismo utilizados para descrever o país, cumprindo assim a escolha do cânone.

O cânone tem o objetivo de hierarquizar e consagrar textos e autores, não se limitando a apenas autores, e é de grande importância dentro da história para a

compreensão da formação da cultura literária de um determinado local, tornando-se objeto de estudos para a formação da história literária futura. Por fim, o conceito de cânone não está ligado ao termo de selecionar ou excluir obras e autores, e sim estabelecer aqueles em que possuíam um modo específico de ser nacionalista em suas obras.

2.2 Percorso da Literatura Brasileira

A literatura, por ser considerada uma forma de expressão e arte antigas, passou por vários momentos históricos em que estes a transformaram. Os movimentos literários também conhecidos como escolas literárias, períodos e/ou estilos da época, em que cada um foi classificado com um marco nesses períodos, também abrangido por um grupo de autores destaques que tiveram suas obras representadas de acordo com suas características inseridas no momento literário.

A literatura brasileira foi dividida em dois momentos: Era Colonial e Era Nacional. A Era Colonial iniciou em 1500, após a chegada dos portugueses no Brasil, com a carta de Pero Vaz de Caminha e os primeiros escritos documentados considerados como primeiras produções literárias sobre o Brasil. Nessa Era, sob forte influência portuguesa, tivemos três escolas literárias: Quinhentismo, no período de 1500 a 1601; Barroco iniciado em 1601 até 1768 e Arcadismo, que compreende no período de 1768 a 1808.

Em 1808, momento que chega a corte Portuguesa ao Brasil, inicia-se um período de transição com a independência em 1822, cujo momento durou até 1836. Após esse período, formou-se a Era Nacional, que permanece até a literatura contemporânea.

A Era Nacional é o momento em que a literatura brasileira rompeu com a influência europeia, tornando assim uma literatura originalmente brasileira, após muito esforço dos escritores. Este período integra as seguintes escolas literárias: Romantismo foi germinado em 1836 a 1881; Realismo e Naturalismo aconteceram simultaneamente nos períodos de 1881 a 1922; Parnasianismo iniciou um ano após o Realismo, em 1882, finalizando em 1922; Simbolismo primeiros momentos foram em 1893 a 1922; Pré-Modernismo surgiu em 1902 e, também, finalizou em 1922; o Modernismo teve seus primeiros momentos em 1922, finalizando em 1950, e Tendências contemporâneas de 1960 aos dias atuais.

Como já mencionado, o Quinhentismo foi o movimento pioneiro, sendo que alguns estudiosos afirmam que não foi exatamente uma escola literária devido ser considerado somente textos informativos, documentais e cartas. Com a chegada dos portugueses ao Brasil, damos destaque também à Literatura jesuítica (com a o intuito de catequizar os indígenas), tendo o Pe. José de Anchieta como representante. Afrânio Coutinho (1995) ressalta que o Pe. Anchieta buscou um estilo brasileiro para introduzir a sua literatura:

Esse esforço pertinaz inicia-se mesmo nos albores de nossa vida de colônia lusitana. Se a nossa civilização pode ser caracterizada por um espírito sincrético, esse sincretismo tem começo com o Padre José de Anchieta, nosso primeiro criador de literatura no lirismo e no teatro. [...] Anchieta foi o iniciador da literatura brasileira e sua obra literária é o símbolo do sincretismo linguístico e cultural brasileiro. (COUTINHO, 1995, p. 19)

No século XVII, um momento cultural prevaleceu na literatura brasileira. Foi o movimento chamado Barroco que ganhou destaque a partir de um conflito religioso entre a Igreja Católica e a Reforma Protestante, em que a Igreja Católica queria retomar espaço em meio à Contrarreforma. Este período foi marcado pelo pensamento filosófico a respeito da existência em que o antropocentrismo concedia lugar ao Teocentrismo. Coutinho (1995, p. 36) afirma que “o barroco foi o instrumento, nos dois primeiros séculos, mediante o qual a mente brasileira tomou consciência de sua missão civilizatória, de sua originalidade criadora”.

O Padre Antônio Vieira, por sua prosa, foi um dos principais autores do país. Na poesia barroca, o destaque foi Gregório de Matos Guerra, que é considerado como um dos autores mais prestigiados e importantes do Barroco. Outro autor que marcou o início do movimento foi Bento Teixeira com o poema *Prosopopeia* no ano de 1601.

O Arcadismo por sua vez, oposto ao Barroco, sofreu influência do movimento literário de Portugal chamado Classicismo. O movimento iniciou-se no Brasil em 1768 com obras de Cláudio Emanuel da Costa, no período em que o país passava por mudanças sociais devido ao Iluminismo e à Revolução Francesa. Este momento de transformações foi marcado pela Inconfidência Mineira, o que influenciou diretamente a produção literária do período, que recebeu o nome de Arcadismo, por conta de uma região na Grécia que, segundo o mito grego, era a morada do deus Pã, deus da natureza.

A busca pela simplicidade, o bucolismo e a vida no campo eram as características e inspirações para as poesias escritas, em que os autores buscavam

enaltecer a natureza, o pastoralismo e o bucolismo, sempre descrevendo a simplicidade e a racionalidade de forma equilibrada. O Arcadismo foi responsável por descrever detalhadamente as belezas da natureza brasileira, inclusive o indígena, descrito em *O Uruguai*, de Basílio da Gama. Estas obras que marcaram o Arcadismo são adotadas como exemplos pelos novos intelectuais. Além de Cláudio Manuel da Costa e Basílio da Gama, os principais nomes do Arcadismo foram Silva Alvarenga, Tomás Antônio Gonzaga, e Alvarenga Peixoto. Alfredo Bosi (1995, p.58) discorre sobre as características do Arcadismo como de fato sendo uma história bucólica, contrapondo-se aos ambientes urbanos, afirmando que o bucolismo trouxe aos poetas “abrir janelas” para novas escritas, em que estavam livre de compressões de etiqueta, e que pudessem falar a respeito de sentimentos como o amor, por exemplo.

Com o surgimento de uma política independente após 1822, surge uma premência de criar uma característica cultural própria e autônoma. Em 1836, manifesta-se então o Romantismo, momento marcado pelo nacionalismo. O Romantismo é, portanto, caracterizado pelo idealismo, subjetivismo, patriotismo, religiosidade, valorização do eu, culto à natureza, religiosidade e o escapismo, onde os autores procuravam fugir da realidade e do sofrimento através da fantasia e culto ao passado.

Os principais nomes foram Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Castro Alves, Sousândrade, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Gonçalves de Magalhães. O maranhense Gonçalves Dias se diferenciou de todos os outros poetas por seus versos bélicos e que, segundo Bosi (1995, p.106), o poeta tinha um “espírito superior” pelo seu talento.

Por sua riqueza na produção literária, o Romantismo foi um movimento histórico e de extrema importância para a cultura brasileira, tendo obras e autores consagrados que são reconhecidos até os dias atuais. Bosi (1995, p. 93) relata sobre o romantismo brasileiro, exaltando os autores que, com características com traços de natureza, refúgio, exotismo e relações com o “eu” exibiram um pouco do país através de escritas para compor o momento literário, sem deixar de basearem-se em seus ídolos na Europa.

Na metade do século XIX houve acontecimentos significativos, como a Abolição da Escravatura, em 1888, e a Proclamação da República, em 1889. Nesse momento, surge o Realismo em contestação ao Romantismo, contrário a linguagem

deste, pois buscava fazer uma crítica a realidade sociedade da época, sendo objetiva e com uma linguagem direta, cuja principal característica foi a crítica social.

O mais notável autor da época foi Machado de Assis, destacando-se com a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicado em 1880, marco do início do Realismo brasileiro, refletindo sobre temas sociais, críticas e análise psicológicas dos personagens. Raul Pompéia, os irmãos maranhenses Aluísio e Artur Azevedo também foram importantes autores no movimento. Os movimentos literários Realismo, Naturalismo e Parnasianismo aconteceram simultaneamente, cada um com sua particularidade.

Seguindo o mesmo contexto histórico e característico do Realismo, o Naturalismo obteve a visão literária influenciada pelo positivismo e pelo darwinismo, empregando uma perspectiva científica e, ao mesmo tempo, biológica do homem, com linguagens coloquiais, porém com a mesma ramificação realista: descrever a sociedade e mostrar a relação homem-natureza.

Com grande influência europeia, o Naturalismo ascendeu no Brasil com a publicação da obra de Aluísio de Azevedo, *O mulato*, escrito em 1881. Esse momento ocorreu à época da Revolução Industrial, em que o capitalismo aumentava cada vez mais, juntamente com o trabalho humano. Os escritores atentavam-se em descrever a liberdade do homem, temas mais sombrios como o crime, miséria e a sexualidade. Sobre esse aspecto, Martins (2010) argumenta que *O mulato* foi o verdadeiro momento que fez surgir o realismo brasileiro, pois esta obra foi capaz de descrever com muita clareza o sistema da escola realista no país, de acordo com as características.

Em 1882, diferentemente do Romantismo por sua subjetividade, surge o Parnasianismo, escola literária especialmente poética, com poesias ricas em detalhes, sem nenhum traço crítico. O Parnasianismo requeria a perfeição, usando rimas raras e uma gramática deslumbrante para a composição de sonetos, principalmente.

Alguns autores responsáveis pela introdução do Parnasianismo, também conhecidos como a “Tríade Parnasiana”, foram Teófilo Dias, Raimundo Correia e Olavo Bilac. Esses escritores parnasianos dão ênfase à razão da existência humana através da perfeição estética. Havia um anseio de escrever na forma característica parnasiana: “a arte pela arte”. Segundo Afrânio Coutinho (1995, p. 179), considera o Parnasianismo “como um dos grandes ‘movimentos’ da literatura brasileira”.

O Simbolismo surge no Brasil em 1893. Em contradição à poesia parnasiana, o Simbolismo utilizava mais a subjetividade e a exposição de sentimentos, relembrando traços do Romantismo. Os textos foram diferenciados dos outros movimentos por conter musicalidade nos poemas, em que os sons importavam mais que as palavras, tornando nítidas as figuras de linguagens com aliteração e assonância para contribuir nas rimas.

Além das figuras de linguagens e subjetividade, a poesia simbolista é marcada por religiosidade, misticismo e uso de imagens oníricas. O marco inicial simbolista no Brasil foi a publicação de *Missal e Broquéis*, de João da Cruz e Souza em 1893. Além do poeta catarinense, outros nomes ganharam destaque como Alphonsus de Guimaraens e Augusto dos Anjos. O movimento durou até a década de 1920 com a chegada do Modernismo. Sobre isso, José Castello (1950, p.11) nota que Cruz e Souza responsabilizou-se em tentar trazer o “decadismo à poesia brasileira” sendo considerado um acontecimento que ganhou importância por divulgar as ideias simbolistas.

Entre 1900 e 1922, o Brasil passava por um momento turbulento na história, pois acontecia a Primeira Guerra Mundial. Neste mesmo momento, manifesta-se no Brasil o Pré-Modernismo. Este não é considerado uma escola literária porque consiste num momento de transição, considerado apenas um momento literário, pois possuía uma característica que era o regionalismo, que se repetiu inúmeras vezes entre os escritores da época.

Este regionalismo procurava desvendar os problemas sociais do passado, expressando costumes e utilizando linguagem coloquial, considerando também que os escritores denunciavam a realidade através de personagens escravos e pobres, em forma de crítica social. Alguns nomes do momento pré-modernista foram Graça Aranha, Monteiro Lobato, Lima Barreto, Euclides da Cunha, e Augusto dos Anjos. Silva (1999) ressalva que:

Afrânio Peixoto, com *A Esfinge* (1908); Monteiro Lobato, com *Urupês* (1918); [...] É sintomático, por exemplo, o fato de a maioria dos autores de sucesso durante as primeiras décadas do século (exceção feita a Machado de Assis e Lima Barreto) ser de outras regiões do país, sobretudo da Bahia (Muniz Barreto, Xavier Marques, Afrânio Peixoto) e do Maranhão (Coelho Neto, Humberto de Campos, Aluísio e Arthur Azevedo, Graça Aranha), mas residir no Sudeste. Daí também o fato de praticamente todo o complexo editorial brasileiro (considerado, de forma abrangente, o conjunto de agentes integrados na produção material do livro, indo das oficinas gráficas e das editoras às livrarias e aos distribuidores) se concentrar nessa mesma região. (SILVA, 1999, p. 65-77)

O núcleo do acontecimento do Modernismo foi a Semana da Arte Moderna em 1922, que consistia em rescindir com o clássico para criação de uma arte literalmente brasileira que mostrasse a identidade nacional. Foi um período marcado pela separação com as escolas clássicas e pela liberdade estética, dividido em três momentos, sendo a primeira geração (1922-1930), a segunda geração (1930-1945) e a terceira geração (1945-1960).

A geração modernista valorizava o nacionalismo, cujos textos utilizavam uma escrita menos formal, com versos livres (diferente do Simbolismo); retratavam os cenários urbanos e demonstravam sátiras. Os autores destaques desse movimento foram Mário de Andrade (1893 a 1945), Oswald de Andrade (1890 a 1954), Manuel Bandeira (1886-1968), Cecília Meireles (1901-1964), Clarice Lispector (1920 a 1977), Vinícius de Moraes (1913 a 1980) e João Guimarães Rosa (1908 a 1967).

Luís Bueno (2004, p.83-91) destaca uma diferença entre as fases modernistas afirmando a preocupação dos autores da Semana da Arte Moderna em trazer uma nova estética nos anos 30, voltando-se mais atenciosamente temas ideológicos, ressaltando que não foi uma tarefa fácil trazer essa mudança de uma geração a outra, mudando questões estáticas para ocasionar essa transação entre as gerações modernistas.

A primeira fase do Modernismo, também conhecida como fase heroica, de destruição ou experimento, perdurou até 1930 com características citadas anteriormente e inspirada em vanguardas europeias. A segunda fase estende-se de 1930 a 1945 e apresenta um amadurecimento do modernismo, também conhecida como fase da Consolidação e/ou Romance de 30, em que a prosa de ficção era predominante, com novas posturas artísticas, e uma poesia sintética, com versos livres. A poesia que trouxe destaque foi a de Vinicius de Moraes, *Soneto da Fidelidade* (1946), um soneto considerado um clássico modernista, que também foi regravado como música,

A terceira fase do Modernismo apresenta o momento final desse período literário, também conhecida como Geração de 45. Esta geração manifesta-se no final da Segunda Guerra Mundial, em que o Brasil se encontrava em um momento conturbado. As características marcantes dessa época traziam crítica social, regionalismo, verossimilhança, rimas métricas, regionalismo e linguagem coloquial.

Nessa geração destacaram-se João Cabral de Melo Neto (com *Morte e vida severina*), Ferreira Gullar (maranhense que foi canonizado com *Poema sujo*),

Guimarães Rosa (com *Grande sertão: veredas*) e Clarice Lispector (com *A hora da estrela*).

Em torno de 1950, a literatura passa por um momento de experimentalismo, considerado como Pós-moderno e que, de acordo com Fernandes (2011):

O termo pós-moderno foi cunhado na década de 1950 pelo historiador inglês Joseph Arnold Toynbee (1889-1975) para designar o período iniciado nas duas últimas décadas do século XIX, quando, segundo ele, começava uma “idade da anarquia”, um tempo de problemas, com sintomas de desintegração e destruição da Idade Moderna, pelo colapso da visão racionalista de mundo e pela substituição da classe média burguesa, que sustentara a Idade Moderna, por uma sociedade de massa. (FERNANDES, 2011, p. 16)

Esse período esteve em constantes mudanças, considerando instabilidade política, avanço de tecnologia, crescimento da indústria e desigualdades sociais, e, em função disso, a produção literária foi fortemente influenciada. Esta fase não foi considerada uma escola, mas um movimento, além da literatura contemporânea, que vem até os dias atuais.

Ana Paula Simioni (2013, p. 7) relata que o movimento modernista brasileiro atribui ao cânone nacional a introdução das linguagens construtivas, a Bienal de São Paulo, no ano de 1951, fez predominar e propagar essas linguagens que a partir do ano 1950, obteve um crescimento do concretismo sendo atribuído como uma vanguarda brasileira.

Posteriormente, advém a Literatura Contemporânea, que consiste em uma combinação de tendências sociais e culturais, influenciando arte, literatura e filosofia, e não trouxe características específicas, e sim o modo de cada autor escrever, considerando que se pode observar algumas semelhanças, como ironia, crítica, individualismo, regionalismo, entre outros. Alguns autores Ariano Suassuna, Nelson Rodrigues, Caio Fernando Abreu, Lygia Fagundes Telles se destacaram nesse período.

A estética contemporânea trouxe uma série de contestações a respeito do futuro literário, provocando normas individuais de cada escritor. A adaptação acometida atualmente é provocada por uma nova concepção social e cultural, influenciada por um período em que o homem se sente inconformado com essa fase cultural, provocando o nascimento de um momento de reflexão e crítica.

3 A LITERATURA MARANHENSE EM DESTAQUE: CONSTRUÇÃO E HISTORIOGRAFIA

A arte e a literatura de um lugar são essenciais para a construção histórica deste e, no Maranhão, há uma forte incidência de grandes autores que contribuíram para a história literária do estado (LEÃO, 2011).

Gonçalves Dias, Aluísio Azevedo, Graça Aranha, Antônio Lobo, Coelho Neto, Odorico Mendes, Sotero dos Reis, Maria Firmina dos Reis, entre outros poetas e prosadores tornaram a Literatura Maranhense mais conhecida e influente, propagando a cultura regional no Brasil e influenciando o cânone literário brasileiro através de suas obras. Corrêa (2016) afirma que:

[...] o Maranhão figura, também, com destaque, em nível nacional e mesmo internacional, no romance, tendo como expressões máximas do gênero, romancistas como Aluísio Azevedo, Graça Aranha, Josué Montello... sem deixar de dar destaque a outros nomes mais recentes, de peso, na referida categoria, como Arlete Nogueira da Cruz e Ronaldo Costa Fernandes. Digase de passagem, que Aluísio Azevedo pode ser considerado o primeiro romancista brasileiro, cuja obra apresenta personagens com características próprias da nossa nacionalidade, principalmente em *O Cortiço* [...]. (CORRÊA, 2016, p. 21)

Apreciar e conhecer a existência de nomes populares da literatura é de fundamental importância para que a história seja conservada, não sendo esquecida ou estagnada meramente em um período. Além dos mais populares e conhecidos, há nessa literatura escritores de obras valiosas que marcaram essa história, porém pouco citados, como Bandeira Tribuzi, Josué Montello e José Neres.

No Maranhão, especificamente na capital São Luís, também conhecida como “Atenas Brasileira”, pelo fato de ser berço de grandes escritores, há praças que se destinam a estar sempre evidenciando e propagando o peso dos escritores do nosso estado. Segundo Azevedo (2010, p. 137), esse epíteto dado à capital maranhense é em virtude da alta concentração de literatos “de impressionante genialidade e intelectualidade elevaram o Maranhão a ser comparado com a mais famosa das cidades-estados gregas”.

Desse modo, a preservação literária é feita de forma eficiente para propagar esses escritores e torná-los mais visíveis nas próximas gerações, tornando-os conhecidos e contribuindo com a cultura do estado. A Literatura Maranhense é esplêndida, com muitos encantos em suas poesias, histórias, cordéis e de musicalidade excepcional. A literatura aqui estaciona em cada esquina, em cada praça, pois o Maranhão é considerado um berço de grandes literatos (Corrêa, 2016).

3.1 A Literatura do Maranhão para o Brasil

A literatura maranhense iniciou-se juntamente com a literatura brasileira desde a colonização. Com a missão dos jesuítas de evangelizar, o Maranhão foi o centro cultural do Padre Antônio Vieira, onde foi berço para suas obras.

Durante o século XIX ainda se falava de uma literatura influenciada pelos colonizadores que, conforme Moraes (1977), a literatura maranhense do período colonial se distinguiu por uma produção insuficiente, em que a poesia não aconteceu de fato como poesia ou de uma “mera sublitteratura rimada e metrificada” (p. 46), da qual qualquer um dito letrado podia “lançar mão, sem com isso julgar-se poeta ou sentir-se constrangido” (p. 46). Estes textos falavam sobre o Maranhão, descrevendo as paisagens encontradas pelos colonizadores e ainda não era uma literatura nascida no estado, e sim sobre o Maranhão.

Os indícios literários que marcaram as primeiras obras maranhenses que se tem registro são a peça teatral escrita pelo Pe. Luiz Figueira, em 1626, e a obra publicada *Relação Sumária das cousas do Maranhão*, de Simão Estácio da Silveira, em 1624, típico exemplo de literatura de viagem. Meireles (2008, p.194) afirma que a literatura maranhense “viveu ciclos, esses ciclos foram por razões históricas, desde a fundação de São Luís até a integração do estado no país”.

Para alicerçar os estudos, a literatura maranhense foi dividida em três ciclos, nascidos na geração romântica, em que cada um trouxe de fato, momentos decisivos com características e traços daquele momento. Carvalho (1912) delimita os ciclos da literatura maranhense cronologicamente da seguinte forma:

O primeiro ciclo vai de 1832 a 1868; o segundo ciclo da literatura maranhense abrange a geração nascida das duas primeiras décadas do último semi-século, de 1850 a 1870; O terceiro ciclo [...] compreende os escritores nascidos nas duas primeiras décadas da última geração do século passado, 1870 a 1890. (CARVALHO, 1912, p. 9737-9748)

O primeiro ciclo aconteceu de 1832 a 1868. Começa com o ilustre Odorico Mendes e o *Hino à tarde*, publicada no Rio de Janeiro em 1832, encerrando com a revista literária *Semanário Maranhense*, que interrompeu a publicação em 1868, com apenas dois anos de permanência. Gonçalves Dias escreveu *Primeiros Cantos* no Rio de Janeiro, em 1846, que representou este período.

Odorico Mendes (1799-1864) foi o primeiro poeta maranhense, de forma linear, que ajudou a consagrar o estado na literatura brasileira. O poeta marcou as fases de transição entre os períodos clássico e romântico com a publicação do poema.

Juntamente com Sotero dos Reis e João Lisboa, estes publicaram a partir de 1825 *O Conciliador Maranhense*, um folhetim de notícias manuscrito e impresso que se destacou na imprensa com estilos de linguagem elegante e sofisticado. Nessa circunstância, surge o Grupo Maranhense – primeira geração romântica natural do estado, porém residente no Rio de Janeiro, marcada por escritores consagrados que trouxeram autonomia e uma literatura consagrada ao nosso estado (MARTINS, 2009). Moraes (1977, p.68) ressalva sobre a importância desse grupo maranhense, que foram a primeira geração do romantismo que residia no Rio de Janeiro, tornando-os distintos dos outros autores por sobrelevar a inteligência dessa geração literária, pois os maranhenses não possuíam as mesmas afeições de devoção e ostentação patriótica como os fluminenses, elevando-os como melhores.

Esse período tornou o Maranhão conhecido por grandes homens de letras, dentre eles Gonçalves Dias (1823-1864), considerado um dos maiores poetas da literatura brasileira (nascido em Caxias, cidade do interior maranhense). Ele foi um dos iniciadores do Romantismo brasileiro juntamente com Gonçalves de Magalhães (1811-1882) e fizeram parte da primeira geração de poetas romancistas. Em suas obras, Gonçalves Dias apresentava temáticas como amor, valorização dos povos originários, religião, pátria e natureza. A poesia de Dias mais conhecida é a inesquecível *Canção do exílio*, escrita em 1843 quando ele estava em Portugal, cujo trecho poema introduz a obra *Primeiros cantos* (1843).

Os famosos versos de Gonçalves Dias “Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá” (1843, p. 7) eternizaram o autor maranhense, representando as terras brasileiras, principalmente as indígenas, que eram vistas como um símbolo primitivo para os europeus, marcando a poesia brasileira, que encontrava-se em construção, trazendo uma identidade nacional através dos versos escritos. Dias buscou enfatizar as terras maranhenses, expressando a beleza local como paisagens, belezas regionais e os costumes, e assim caracterizando a poesia romântica do século XIX.

Seguindo nesse ambiente de desenvolvimento da escrita literária nacional, o Romantismo acarretou na literatura brasileira, em especial à maranhense, um aspecto nacionalista, consagrado pela obra *Suspiros Poéticos e Saudades*, livro de Gonçalves de Magalhães, porém Gonçalves Dias foi o ilustre autor do movimento literário (Moraes, 1977).

Vale lembrar que no ano de 1859 o Maranhão teve a sua primeira ficção no romantismo: *Úrsula* – estilo romântico e na abordagem de um tema abolicionista cuja

autora Maria Firmina dos Reis (1825-1917), maranhense de São Luís foi a matriarca do nosso romance. Com uma expressão totalmente feminina, Maria Firmina preocupou-se com a história e as raízes negras do Brasil. Em *Úrsula*, Maria Firmina denuncia a violência escravocrata pondo em questão os escravos que vieram de suas terras natais trazidos para o Brasil tratados como indigentes e forçados ao trabalho escravo.

O segundo ciclo abrangeu em torno de vinte e seis anos de duração, de 1868 a 1894. A obra que representa o período é *O mulato*, de Aluísio Azevedo, que foi publicada em 1881, em São Luís. O segundo ciclo da literatura maranhense compreende uma fase de escritores que nasceram no Maranhão, porém não viveram no estado, em virtude das difíceis condições sociais existentes no período e que, por sua vez, buscaram outros lugares para viver, especialmente a cidade do Rio de Janeiro (CARVALHO, 1912).

Este segundo momento foi vivenciado por um número maior de autores, com escritas divergentes do primeiro ciclo e que, conforme Reis (1992, p.42), estes são os nomes influentes dessa época Raimundo Correia, Euclides Faria, Aluísio Azevedo, Teófilo Dias, Artur Azevedo, Graça Aranha, Teixeira de Sousa, Hugo Leal, Celso Magalhães e Coelho Neto.

Neste ciclo, os autores que mais se destacaram em meio à literatura nacional e descreveram o regionalismo do estado em suas obras foram Raimundo Correa e Aluísio de Azevedo.

Raimundo Correia (1860-1911), é o "Gonçalves Dias do segundo ciclo literário" (REIS, 1992, p.24) que se destacou por escrever a notoriedade da natureza. Correia destacou-se no período parnasiano, diferenciando-se dos demais por ter o estilo de sentimentalismo e inspiração, e seus poemas que mais se destacaram foram *As pombas* e *Mal secreto*, mencionado abaixo.

Se a cólera que espuma, a dor que mora
N'alma, e destrói cada ilusão que nasce
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse, o espírito que chora,
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse [...] (CORREIA, 1948, p. 16)

O romance maranhense manifestou-se, inicialmente, nesta segunda fase literária e com característica realista, poetizando a vida no campo. O grupo de escritores romancistas, composto por Celso Magalhães, Aluísio Azevedo, Coelho Neto e Graça Aranha alavancam a prosa maranhense no cenário nacional, destacando Aluísio Azevedo (1857-1913), considerado o introdutor do Naturalismo no Brasil que, segundo Cardoso (2013, p. 90) foi ele quem impulsionou o meio literário e intelectual em São Luís com *O mulato* (1881) implantando o Naturalismo no Brasil, com um romance que acarretou diversos protestos por conter uma crítica social do que se passava na época.

A obra de Azevedo causou grande incômodo na sociedade maranhense, sendo atacado fortemente pela comunidade do clero com insultos e injúrias, escandalizando a sociedade pela crítica social e anticlerical. *O mulato* narra o comportamento social na cidade de São Luís, representa a cultura regional, e se passa no momento em que havia um combate político-religioso em torno de uma abordagem relacionada ao preconceito racial.

O autor faz em sua obra o uso do combate ao preconceito com os afrodescendentes, destacando o personagem Raimundo que foi vítima de um romance entre uma escrava e um senhor. Correa (2016) relata que:

[...] Aluísio Azevedo denuncia, com muita propriedade, em *O mulato* mostrando que a rejeição ao afrodescendente era ali tão forte que, nem mesmo a hereditariedade paterna, as características físicas, desse mulato, o status social que a condição do filho de comerciante português próspero lhe permitira alcançar, o eximem da marginalidade da exclusão social. (CORREA, 2016, p. 101)

As obras mais conhecidas de Azevedo foram *O mulato* (1881), *Casa de pensão* (1884) e *O cortiço* (1890), cujas formaram a sua “Tríade Realista” que o torna reconhecido e aplaudido local e nacionalmente.

Também seguindo o período, destacou-se Coelho Neto (1865-1934), maranhense nascido em Caxias. Coelho Neto é admirado como um romancista e em suas obras deixou seus traços característicos de um admirável e majestoso vocabulário. Foi considerado um universalista, caracterizado como pré-modernista pela sua competência imaginadora, outrora um naturalista, e por fim, traços parnasianos-realistas. Foi acatado em 1928 como o Príncipe dos Prosadores Brasileiro (REIS, 1992).

Autor de mais de cinquenta livros, nos quais se destacam *A capital federal* (1893), *Miragens* (1895) e *O rei fantasma* (1895). Algumas de suas obras foram

considerados documentos históricos, pois em suas narrativas continham caráter regionalista daquele período, a República Velha.

E destacando-se na Semana da Arte Moderna, Graça Aranha (1868-1931), natural de São Luís, capital maranhense, foi romancista, ensaísta, dramaturgo e um escritor excepcional, escrevendo apenas dois livros, *Canaã* (1902) e a *Viagem Maravilhosa* (1930), sendo aquele responsável por abrir o período pré-modernista brasileiro. Graça Aranha foi responsável por fazer a palestra inaugural da Semana da Arte Moderna em fevereiro de 1922.

Canaã despontava o encontro do povo nativo e os imigrantes alemães, em que o título se tratava da terra prometida que era o Brasil. Oliveira (2002), a respeito desta obra, relata:

Canaã inaugurou a ficção ideológica brasileira. É romance social e romance de ideias, invenção de pensador e de artista. Mas, quanto às ideias, *Canaã* ainda atua no abstrato. Aos debates filosóficos falta concretude humana, embora nesse livro de estreia o escritor maranhense já mostre o veemente desejo de marchar, não só junto com a história, mas pioneiramente à sua frente. (OLIVEIRA, 2002, p. 265)

No Pré-Modernismo coincidem movimentos conservadores e renovadores. Os livros de Graça Aranha são obras grandiosas de uma escrita impecável, descrevendo a natureza com muita elegância.

Canaã tornou-se a obra de Aranha mais estudada e, neste trecho, podemos observar os detalhes do mérito de sua escrita. *Canaã* narra o romance de Milkau e Lentz, que são dois imigrantes jovens alemães, que passaram a morar no Espírito Santo, ambos são amigos e inimigos, pois Milkau é uma jovem pacífica e admiradora, já Lentz, é oposto, pensa sempre em conquista, guerras e no momento que a Alemanha irá dominar essas terras. Apesar de pensarem diferente, eles trabalham juntos nas terras da fazenda. No decorrer da história, aparece Maria, filha de imigrantes pobres, cujo tutor morre, deixando-a abandonada nas ruas e tida como prostituta. O livro alude uma abordagem de opressão feminina e corrupção por meio de administradores públicos, representado pelo personagem Lentz.

Nesta obra de Aranha, encontra-se traços simbolistas e realistas, vale ressaltar que por fazer uma dura crítica a realidade brasileira, foi característico de uma obra Realista, porém os traços descritivos das paisagens, os detalhes de impressões olfativas e visuais consagraram *Canaã* como marco do Pré-Modernismo.

E nessa harmonia de falar da natureza e com sofisticação em suas palavras, o fez tornar um dos representantes do período. As obras *Primeiros cantos*,

O mulato e *Canaã* marcaram a literatura regional e foram a trilogia que alavancou a influência maranhense para o restante do Brasil, com uma escrita rica e intelectual de autores que marcam a literatura até os dias atuais.

Divergente do segundo ciclo, o terceiro ciclo, por fim, foi de 1884 e estende-se até 1890, período em que foi proclamada a República do Brasil. Segundo Carvalho (1912), o terceiro ciclo iniciou com o livro de Inácio Carvalho, *Frutos Selvagens*, publicado em São Luís no mesmo ano. A obra principal deste período é *Mosaicos*, de Domingos Barbosa, publicado em São Luís, em 1898, e publicado no ano de 1904 no Rio de Janeiro.

Este foi considerado o período dos intelectuais, sendo a maioria dos escritores da época natos do Maranhão e permaneceram nas terras maranhenses. Os poetas e prosadores basearam-se na tradição do primeiro ciclo da literatura regional que, para Carvalho (1912), a poesia do segundo ciclo foi representada por Aluísio Porto, Inácio de Carvalho, Inácio Raposo, Maranhão Sobrinho, Costa Gomes, Vieira da Silva, Humberto de Campos e Correia de Araújo; a prosa, por Antônio Lobo, Viriato Correia, Domingo Barbosa e Astolfo Marques. Todos foram responsáveis pela conquista do espaço literário no Maranhão, considerando Antônio Lobo, que contribuiu de forma grandiosa para o desenvolvimento da nossa literatura. Sobre essa perspectiva, Lopes (1973) ressalta:

O alto espírito de Antônio Lobo sintetizou e completou o Maranhão intelectual contemporâneo e isto há de reconhecer não só os seus amigos, mas também os homens que lhe moveram guerra. Foi ele a figura central da nossa atividade literária ao redor da qual se desenvolviam, animados de sentimentos diversos, como os astros se movem à volta dos sóis por virtude de forças de atração e repulsão, todos os elementos, todas as Correntes do nosso pensamento. (LOPES, 1973, p. 67)

Nesse ciclo, Lobo reforçou a tradição do título da cidade de São Luís ser a “Atenas Brasileira”, propondo retratar em suas obras a renovação do momento, criando um movimento entre os autores da sua geração para transmitir para a contemporaneidade e a ressignificar a literatura regional. Criou o grupo “Oficina dos Novos”, que mais tarde veio a fundar a Academia Maranhense de Letras.

Lobo (2008, p. 38) afirma que esta Oficina acarretou na fundação do periódico *Os novos*, com o objetivo de fazer permanecer a cultura de conseguir visitar anualmente à estátua de Gonçalves Dias no aniversário de morte do poeta que foi consagrado, e ainda estimavam construir uma de bronze de Odorico Mendes. Esse

grupo proporcionou visibilidade a alguns poetas como Viriato Correa, Astolfo Marques e Costa Gomes.

A obra de Lobo que marcou esse momento foi *Os novos atenienses*, um livro pioneiro da teoria crítica e literária. Carneiro Filho (2004) destaca sobre este que a “obra em que o autor analisa o renascimento da cultura e da literatura maranhense procurando resgatar o momento literário de então bem como a vida e a obra dos escritores que se destacaram na primeira década do século XX” (CARNEIRO FILHO, 2004, p. 15).

Participou desse terceiro ciclo Humberto de Campos (1886-1934), nascido em Miritiba, povoado pertencente ao município de Icatu, no litoral maranhense (emancipado como município sete dias após sua morte, foi homenageado com o nome do autor), escreveu poesias, contos, ensaios e crônicas. Seu livro *Poeira* (1910) tornou-se a obra que o fez um parnasiano consagrado. No ano de 1933, com a saúde decaída, publicou *Memórias*, obra que relata lembranças da infância e juventude, sendo reeditada diversas vezes e fazendo mudar o estilo da escrita para um lado mais divertido e piedoso.

Agra (2014, p. 286) destaca Humberto de Campos como escritor fundamental também no período modernista brasileiro, cujos textos, escritos em 1930, foram bem acolhidos pelos intelectuais da década por conter sensibilidade, porém, não se encaixavam na nova escrita em que foi estabelecida em 1950. A literatura de Campos foi adotada como uma literatura que havia ultrapassado a década, como por exemplo, os valores conservadores contidos em seus textos, e ainda foi considerado como um escritor de baixa qualidade. Campos faleceu no auge da sua popularidade, deixando algumas obras que foram publicadas postumamente.

Outro maranhense, da cidade de Pirapemas, ganhou destaque neste período. Trata-se de Viriato Correa (1883-1967), naturalista estimado e escritor contista do sertão. Escrevia de forma natural e espontânea a vida sertaneja e a miséria, caracterizando a natureza física e moral (Carvalho, 1912). Correa escreveu os mais variados gêneros, como contos, romances, crônicas e livros infantis. Juntamente com Monteiro Lobato, tornou-se um dos fundadores da literatura infantojuvenil genuinamente brasileira, pois no ano de 1889 existiam apenas traduções de obras europeias.

Sua primeira produção independente foi *Os Minarettes* – contos regionais (1909) em que retratava o modo de vida sertanejo. Em sua vasta produção literária,

Viriato Correa tem uma preferência por fábulas folclóricas e por temas históricos e infantis, voltados para o campo pedagógico.

A obra que o tornou precursor da literatura infantojuvenil brasileira foi *Arca de Noé*, escrita em 1930 em que Correia personifica uma história com animais e homens sempre interagindo no ambiente rural. A produção mais popular de Viriato foi *Cazuza* (1938), uma obra com estilo autobiográfico, escrito em uma linguagem infantil e com muita naturalidade das histórias vividas por ele. Segundo Coelho (2006, p. 240), “Cazuza é um livro que nunca envelheceu”. O próprio autor relata sobre seu livro:

Pensei, então, em fazer um livro que inspirasse amor ao Brasil e fosse lido com agrado pelas crianças. Levei mais de dez anos pensando nisto. Fazia e desfazia planos. Afinal, depois de várias tentativas, resolvi fazer um livro que saísse de dentro de mim, fosse eu mesmo... E assim, surgiu o 'Cazuza', que é a minha vida de criança, com os meus companheiros, as nossas brigas, as nossas festas... Todas as figuras do livro viveram comigo arremata o escritor maranhense: o livro fez sucesso porque escrevi com sinceridade [...] (CORREIA, 1960, n.p)

Muito inspirado em tudo que viveu na terra natal, o livro tornou-se o mais renomado da sua carreira. No ano de 1930, Moraes (1977) considera o marco final desse ciclo, em consequência da Geração de 30 ter outras aspirações e momentos diferentes, contando que a maioria dos integrantes desse momento partiram para morar no Rio de Janeiro.

3.2 A Literatura Maranhense e o percurso de suas talentosas gerações do século XX

Muitos poetas e escritores maranhenses anteriormente citados, obtiveram destaque nacional em várias fases da literatura brasileira, sendo reconhecidos e canonizados. A partir do ano de 1930, dois movimentos maranhenses ganharam destaque – O “Ressurgimento” e a “Renovação” - e em 1940 outro movimento também chamado de “Renovação”, com o propósito de resgatar a Atenas Brasileira e reconquistar a importância cultural e literária do Maranhão (CORREA, 2016).

No século XX, nosso estado retornou a literatura prestigiada e de escritores de ótima qualidade, uma literatura totalmente engajada no período pós-guerra, com uma característica política e social do momento, uma geração que enfrentou a ditadura militar (1964) e a literatura foi apresentada como denúncias e movimentos de liberdade de expressão, não só por escritores, mas por compositores, artistas musicais, do teatro e das artes plásticas.

Em 1940, no Modernismo, foram reconhecidos Josué Montello na prosa e Bandeira Tribuzi na poesia, considerados introdutores da nova estética da Literatura Maranhense. Correa (2016) assevera que:

De modo que, pode-se dizer, o Modernismo no Maranhão, perspectivado na Semana de Arte Moderna [...], mas inaugurando-se, na nossa Literatura local, tão somente na entrada dos anos quarenta, do século XX, percorre-lhe as décadas seguintes, estendendo-se ao final da centúria, no trânsito para o século XXI, acompanhando, absorvendo, as tendências vigentes na literatura contemporânea. (CORREA, 2016, p. 135)

Josué Montello nasceu em São Luís em 1917 e falece no Rio de Janeiro em 2006. Montello foi professor, jornalista, escritor, cronista, teatrólogo e ainda membro da Academia Brasileira de Letras. A carreira literária de Montello o fez atuar juntamente com a profissão de professor na Europa, na Universidade de Madri, em 1958.

O primeiro romance de Josué Montello foi *Janelas Fechadas* (1941) que focava o dia a dia da capital maranhense, São Luís, consagrado e aceito por muitos outros escritores. Muitos de seus romances trazem características da terra natal, costumes, tradições, abordagens psicológicas e muito de São Luís. Para Alfredo Bosi (1995), Montello criou um verdadeiro ciclo maranhense “de maneira sóbria e numa linguagem escrupulosamente literária, com grande afeição na cidade de São Luís e escrito com muita cautela.” (BOSI, 1995, p. 428).

Os tambores de São Luís (1975) foi outra obra que consagrou o autor, numa percepção sociológica de Montello em que resgata a memória negra no período da escravidão até o início da República, apresentando a história de Damião que desembarca de Turiaçu, tendo como destino a capital maranhense, com a intenção de se tornar padre.

Montello era um escritor assíduo, escreveu mais de cem textos que também foram destaque, como romances, ensaios, peças e até literatura infantil, e, com uma ampla carreira intelectual, ganhou notoriedade como romancista no século XX, cujas obras são de grande importância no meio literário e até o presente, muito estudadas no meio acadêmico.

Bandeira Tribuzi (1927-1977) foi um escritor, poeta, jornalista e compositor que fez parte da literatura maranhense entre os anos 1947 e 1977. Em seus 50 anos de vida, produziu mais de dez livros e em torno de cinquenta poemas.

O poeta ludovicense possuía um modelo de escrever bem característico e a maior parte dos poemas expressavam o cotidiano. Os poemas que mais obtiveram prestígio e notoriedade foram *Rosa da Esperança* (1950) e *Pele & ossos* (1970).

Tribuzi tinha grande apreço pela capital, descrevia o cotidiano da cidade de São Luís e as circunstâncias sociopolíticas do momento. Tribuzi foi modernista e contemporâneo, possuía uma linguagem simples (de fácil compreensão), podendo ser apreciada por todos os públicos.

Como compositor, escreveu *Louvação a São Luís*, em que destaca a capital maranhense, descrevendo as belezas culturais, becos, ruas e a formosura da cidade marítima, na qual era extremamente apaixonado. Tribuzi (1977): Ó minha cidade / Deixa-me viver / que eu quero aprender / tua poesia / sol e maresia (TRIBUZZI, 1977, p. 26).

A composição foi consagrada como hino oficial da capital do Maranhão após a morte de Tribuzi, que faleceu no dia que a sua cidade natal completa aniversário. A poesia deixada por ele, pode ser considerada como um louvor, em que o autor cita as praias, sobrados e centros culturais, que são marcas registradas da capital.

O autor também contribuiu no meio jornalístico com o jornal “O Estado do Maranhão” (existente até os dias atuais), onde, por muitos anos, foi redator e colunista até o ano de sua morte, em 1977, contribuindo também em outros jornais como “Jornal do Dia” (1956) e “Tribuna da Imprensa” (1959) no Rio de Janeiro. Em 1964, foi diretor do “Jornal do Povo”, quando iniciaram as primeiras notícias sobre o regime militar. No mesmo ano, chega em São Luís as medidas de repreensão militar, quando Tribuzi então foi preso por ser oposicionista ao Estado.

O jornalista Edson Vidigal (1989, p.3-4) descreveu em seus relatos a respeito da prisão de Tribuzi, relata que no ano de 1964, uma mobilização anti-golpe, o “Jornal do Dia” em que Tribuzi fazia parte, foi apreendido por conta de uma matéria em que havia expressões legalistas. Foram presos, Bandeira Tribuzi, Vera Cruz e Vidigal numa guarnição em favor da “ordem constitucional.”

Após o golpe militar, no mesmo ano em que José Sarney foi eleito governador do estado, Tribuzi retorna a imprensa juntamente com alguns amigos escritores e fundam o “Jornal de Bolso”. No meio político e literário, não deixou de expressar sua opinião, de escrever as formosuras da cidade, com uma abrangente produção, conforme ressalta o professor e jornalista Ferreira Junior (2013):

Sua produção é, antes de tudo, diversificada e conta com cerca de doze livros publicados, quase cinquenta poemas avulsos publicados em revistas ou jornais, artigos jornalísticos, letras e partituras de música, e trabalhos sobre a economia do Maranhão, uma vez que sua formação era em Ciências Econômicas (graduou-se na Universidade de Coimbra) e teve atuação na gestão pública ligado intimamente às questões econômicas maranhenses e sendo responsável por vários planos de governo. (JUNIOR, 2013, n.p)

Com uma contribuição de grande relevância para a literatura, Tribuzzi ganhou mérito por fazer alavancar o jornalismo maranhense em meados do século XX, sempre expondo a política, a sociedade e defendendo a liberdade. Os jornais locais foram as primícias das suas produções, em que podem ser encontrados ensaios, crônicas e artigos que foram documentados para apreciação e resguardo da cultura maranhense.

Portanto, reforçamos que foi a partir do século XIX que o Maranhão ganhou destaque dentro e fora do país, como uma terra talentosa em valores literários, contando que o Maranhão é berço de poetas, romancistas, jornalistas, cronistas, historiadores e ensaístas que formaram o nosso rico patrimônio literário. É sobretudo a partir do século XX (precisamente nos anos 40 em diante) que o Maranhão retornou a uma literatura engajada, sempre historiando a realidade sociopolítica que se encontrava o país.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento desta pesquisa, investigamos de forma teórica e bibliográfica, o delinear de uma análise histórica e social a respeito da Literatura Brasileira com ênfase na Literatura Maranhense, partindo desde o surgimento da literatura nacional, percorrendo as manifestações literárias até chegarmos à literatura maranhense e sua imensa contribuição para formação do cânone literário brasileiro.

Nesta perspectiva historiográfica, foi apresentado um estudo da nossa literatura desde suas raízes até sua repercussão nacional, os principais autores, obras, origem e os seus percursores, do Romantismo até o século XX, dos autores que aqui nasceram, viveram e mudaram para outro estado, a forte ascendência jornalística na literatura maranhense e os romances produzidos a partir da década de 40, já em uma estética contemporânea da época e estilo característico regional.

Em consideração ao que foi mencionado, alcançamos a finalidade de apresentar a história da literatura brasileira e a genuína literatura maranhense juntamente com seus autores canonizados e aqueles que ainda não ganharam esse reconhecimento, porém participaram dos ciclos da literatura maranhense e contribuíram para o Maranhão se tornar um berço de escritores intelectuais que influenciaram e continuam a influenciar gerações.

Poetas, poetisas, prosadores e prosadoras maranhenses ganharam visibilidade na literatura nacional, porém alguns poucos foram nobres desconhecidos, ainda que autores de obras premiadas a mérito literário nacional, que merecem ganhar esse destaque. Segundo Moraes (1977), o Maranhão traz como exemplo uma geração extremamente talentosa que construiu o seu espaço no cenário literário.

O Maranhão marcou e ainda continua marcando a literatura brasileira, contribuindo para cada estilo da época. É sobre essas tendências literárias que o estado apropriou a literatura maranhense como exemplo de uma geração talentosa, repercutindo na nossa história literária.

Portanto, é sobre as manifestações das mais variadas tendências estéticas, que o Maranhão agregou e constitui seu legado na literatura brasileira com uma geração incansável de escritores diligentes e, como já apresentados, foi possível notabilizar alguns poetas que precisam de mais reconhecimento e notoriedade, que contribuíram e continuam contribuindo para a formação da literatura brasileira e regional.

REFERÊNCIAS

- AGRA, Giscard Farias. **Quando a doença torna a vida um fardo**: a trajetória de Humberto de Campos (1928-1934). 2014. 336p. (Tese de Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.
- ALVES, Luís Alberto Nogueira. Sobre a formação da literatura brasileira. **O eixo e a roda**. Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 87-102, 2011.
- ARANHA, Graça. **Canaã**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- AZEVEDO, Maria das Neves Oliveira e Silva. São Luís, Atenas Brasileira: um percurso histórico sobre a construção da identidade literária ludovicense. In: NERES, José (org.). **Tábua de Papel**. São Luís: Café e Lápis, 2010.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- BUENO, Luís. Nação, Nações: os modernistas e a geração de 30. **Via Atlântica**, n. 7, p. 83-97, 2004.
- CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. 7. ed. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1995.
- CARNEIRO FILHO, Alberico. **Antônio Lobo e os Novos Atenienses**. Suplemento Cultural & Literário JP Guesa Errante. Anuário nº. 2 (p. 13-16). São Luís: Jornal Pequeno, 2004.
- CARVALHO, Antônio dos Reis. A literatura maranhense. In: Biblioteca Internacional de Obras Célebres. **Sociedade Internacional**. Rio de Janeiro, v. 20. p. 9737-9754, 1912.
- CASTELLO, José Aderaldo. Apontamentos para a história do simbolismo no Brasil. **Revista da Universidade de São Paulo**, n. 1, p. 111-121, 1950.
- CASTRO, Silvio. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Porto Alegre: L&PM, 1996.
- CHUVA, Márcia. Fundando a nação: a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 313-333, jul. - dez. 2003.
- CORRÊA, Dinacy Mendonça. **Da literatura maranhense**: o romance do século XX. São Luís: EduEMA, 2016.
- CORREIA, Raimundo. **Poesias completas**. São Paulo: Ed. Nacional, 1948.
- COUTINHO, Afrânio. **A tradição afortunada** (O espírito de nacionalidade na crítica brasileira). Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Edusp, 1995.
- DIAS, Antônio Gonçalves. **Primeiros cantos**: poesias. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1846.

FERNANDES, Maria Lucia Outeiro. **Perspectivas pós-modernas na literatura contemporânea**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

HOUAISS, Antônio. **Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2015.

LEÃO, Ricardo. **Os atenienses e a invenção do cânone nacional**. São Luís: Instituto Geia, 2011.

LOPES, Antônio. **Estudos diversos**. São Luís: Sioge, 1973.

MARTINS, Ricardo André Ferreira. **Atenienses e fluminenses: a invenção do cânone nacional**. 2009. 809p. (Tese de Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira: 1550-1960**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2010.

MORAES, Jomar. **Apontamentos de literatura maranhense**. 2. ed. São Luís: SIOGE, 1977.

MORAIS, Vinicius de. **Poemas, sonetos e baladas**. São Paulo: Gaveta, 1946.

OLIVEIRA, Franklin de. **A dança das letras**. São Paulo: Topbooks/UMC, 2002.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luis (org.). **Palavras da crítica: tendências e conceitos no Estudo da Literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SILVA, Maurício. Profissionalização do escritor e publicidade editorial: dois capítulos da leitura pré-modernista no Brasil. **Magma**, São Paulo, n. 6, p. 65-77, 1999.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Modernismo brasileiro: entre a consagração e a contestação. **Perspective**, n. 2, p. 1-18, 2013.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)**. São Paulo: Letras & Letras, 1998.

VIDIGAL, Edson. **Havia brilho nas redações**. O Estado do Maranhão, São Luís, 01 de maio de 1989.

VIRIATO CORRÊA passou a limpo a História do Brasil: fórmula simples (entrevista de Viriato Corrêa ao **O Jornal**, Rio de Janeiro: 17. 12. 1960).